

Memórias do diálogo de Paulo Freire com o Grupo de Educação Popular da Vila Fátima/Guarulhos-SP

Memories of Paulo Freire's Dialogue with the Vila Fátima/Guarulhos-SP Popular Education Group

Memorias del diálogo de Paulo Freire con el Grupo de Educación Popular de Vila Fátima/Guarulhos-SP

*Hélio de Sousa Reis¹
Rosemeire Reis²
Rodrigo Rabello³*

 <https://doi.org/XXXXX>

Resumo: Refere-se à transcrição de um diálogo realizado com o filósofo e educador Paulo Freire em 9 de novembro de 1980, em São Paulo-SP. As conversas, gravadas em fitas cassete e posteriormente transcritas pelo professor Hélio Reis, que integrou o Grupo de Educação Popular da Vila Fátima, do município de Guarulhos-SP, configuram um documento histórico. O relato de Reis organiza suas reflexões em três eixos principais: a descrição do encontro com o Grupo de Educação Popular da Vila Fátima, assessorado por Paulo Freire; os aspectos do contexto sociopolítico do Brasil em 1980; e os desafios enfrentados no trabalho de educação popular debatidos durante a reunião.

Palavras-chave: Movimento popular; Comunidades Eclesiais de Base; Educação popular; Paulo Freire; Conscientização.

¹ Mova-Guarulhos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1525-3564>. Contato: heliopiau@gmail.com

² Centro de Educação da Universidade de Alagoas (UFAL). Integrou a equipe de formação do MOVA-SP (1991-1992). Coordenadora do GPEJUV-UFAL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3449113858899262> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1525-3564> Contato: reisroseufal@gmail.com

³ Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3092147925440268>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7217-1608>. Contato: rdgrabello@unb.br

Abstract: It refers to the transcription of a dialogue held with the philosopher and educator Paulo Freire on November 9, 1980, in São Paulo, Brazil. The conversations, recorded on cassette tapes and later transcribed by Professor Hélio Reis, a member of the Vila Fátima Popular Education Group from the municipality of Guarulhos, São Paulo, constitute a historical document. Reis's account organizes his reflections into three main axes: the description of the meeting with the Vila Fátima Popular Education Group, which was advised by Paulo Freire; aspects of Brazil's sociopolitical context in 1980; and the challenges faced in popular education work discussed during the meeting.

Keywords: Popular movement; Basic Ecclesial Communities; Popular education; Paulo Freire; Awareness.

Resumen: Se refiere a la transcripción de un diálogo realizado con el filósofo y educador Paulo Freire el 9 de noviembre de 1980, en São Paulo-SP. Las conversaciones, grabadas en cintas de casete y posteriormente transcritas por el profesor Hélio Reis, miembro del Grupo de Educación Popular de Vila Fátima, del municipio de Guarulhos-SP, constituyen un documento histórico. El relato de Reis organiza sus reflexiones en tres ejes principales: la descripción del encuentro con el Grupo de Educación Popular de Vila Fátima, asesorado por Paulo Freire; los aspectos del contexto sociopolítico de Brasil en 1980; y los desafíos enfrentados en el trabajo de educación popular debatidos durante la reunión.

Palabras clave: Movimiento popular; Comunidades Eclesiales de Base; Educación popular; Paulo Freire; Concientización.

1 INTRODUÇÃO

Este encontro aconteceu há quase 45 anos, precisamente no dia 09 de novembro de 1980, numa tarde de domingo, no apartamento de Paulo Freire, Rua Dr. Homem de Mello, no bairro das Perdizes, São Paulo. A fita cassete foi encontrada em material guardado por mim. Há 5 anos consegui transcrevê-la. Na verdade, é um fragmento (uma hora e meia de gravação), pois a reunião demorou mais de 3 horas. Mesmo assim, vários amigos insistiram que o material é inédito, interessante e deveria ser publicado.⁴

Não é fácil reconstituir e contextualizar este fato acontecido há décadas. Aceitei o desafio. As minhas considerações serão feitas na seguinte ordem: o Grupo de Educação Popular de Vila Fátima a que pertenci, a assessoria de Paulo Freire, alguns acontecimentos no Brasil em 1980, alguns desafios de nosso trabalho retratados no encontro e, finalmente, um pequeno perfil dos participantes citados na transcrição.

⁴ Patrícia Claudia da Costa publica em 2014 um artigo no qual analisa as contribuições de Paulo Freire e do educador popular Hélio Reis e seus aprendizados mútuos para a educação popular e, para tanto, ela utiliza o material de uma entrevista com Hélio Reis e alguns fragmentos da transcrição que ele fez do encontro que ocorreu em Guarulhos em 1980 (Costa, 2014). O presente artigo tem outro enfoque, apesar de ter como referência, também, o material da reunião de Freire com o movimento popular. Ele se configura como um registro histórico de experiências do movimento popular e dos diálogos de Freire com tais movimentos. Além disso, por se tratar da transcrição do encontro na íntegra, possibilita uma aproximação com um momento formativo coordenado por Freire, com indícios dos princípios do "Círculo de Cultura", no qual o educador se torna o coordenador dos debates e o articulador do diálogo (Freire, 1967). A socialização dos participantes de suas práticas reflexivas transforma-se, por meio dos diálogos com Freire, em aprofundamentos teóricos sobre os desafios apresentados pelo grupo.



2 O GRUPO DE EDUCAÇÃO POPULAR DA VILA FÁTIMA

O nosso Grupo de Educação Popular começou no início de 1977, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Vila Fátima⁵, no município de Guarulhos-SP, como resposta a um desafio enfrentado pela Comunidade Eclesial de Base do Alto da Bela Vista, que se preocupava com uma favela existente no bairro (Divinolândia) e desenvolvia um trabalho junto a seus moradores: construção de um barracão comunitário, visitas, encaminhamento de doentes etc. Iniciamos o trabalho com crianças “Pingos de Gente” (pré-primário) na parte

⁵ Perfil das pessoas que aparecem na transcrição do Encontro:

Ana Flora Anderson, biblista americana. Em 1980, já dava aulas na FAI (Faculdade do Ipiranga). Continua lecionando e tem várias obras publicadas.

Fábio Ferreira (falecido em 1988). Foi secretário da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Vila Fátima, Guarulhos. Participou intensamente nas CEB'S e movimento popular: alfabetização, compras comunitárias, teatro popular. Atuou no Centro Pastoral Vergueiro e no Núcleo de Educação Popular 13 de Maio, dando cursos de formação para sindicatos e movimentos populares em nível nacional.

Francisca Ezequiel de Oliveira Padoan. Na época já era professora do Estado (Ensino Fundamental). Desenvolveu o Projeto “Pingos de Gente” (pré-escola), coordenado pela Irmã Margarida, no barracão comunitário da favela da Divinolândia, Guarulhos. Atualmente atua na rede municipal de Boituva – SP, como coordenadora pedagógica de uma escola rural.

Gilberto Gorgulho. Frei dominicano, teólogo. Na época lecionava na FAI (Faculdade do Ipiranga). Continua lecionando e tem várias obras publicadas no campo da Teologia.

Hélio de Sousa Reis. Os dados pessoais e de atuação profissional estão descritos na nota 1. As informações sobre a atuação em movimentos sociais anteriores ao protagonismo no Grupo de Educação Popular da Vila Fátima estão descritas na nota 6.

Irmã Margarida (Bibiane La Victoire). Freira canadense da Congregação das Irmãs de Caridade de Ottawa. Professora e graduada em Direito Canônico (Teologia). Na época, coordenava o nosso Grupo de Educação Popular da Vila Fátima, em Guarulhos. Atuou nas décadas de 60 a 90 na Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Intercalando alguns períodos no Canadá. Muita dinâmica e preparada. Trabalhava com as CEB's, principalmente na Pastoral da Juventude, na formação de Agentes de Pastoral e no Serviço Social da Paróquia. A partir de 1990, retomou o trabalho de alfabetização de adultos, tornando um dos projetos da Cáritas Diocesana e foi ampliado para toda a diocese. Chegou a ter 76 grupos de alfabetização, atingindo aproximadamente 1500 alfabetizandos. Foi Madre Superiora Provincial no Brasil. Foi Assistente Geral da Congregação no Canadá. Atuou no Centro de Evangelização Carrefour em Ottawa.

José Carlos Barreto (falecido em 2007). Em 1980, juntamente com a esposa Vera Barreto, acompanhou e assessorou Paulo Freire nas reuniões com os grupos de educação popular. Formado em Ciências Sociais pela PUC de São Paulo. Professor de História e Sociologia no Ensino Médio. Desde 1962, atuava na Alfabetização de Jovens e Adultos. Em 1982, fundaram o VEREDA – Centro de Estudos em Educação.

Mimi (Mitiko Aparecida Makino). Na época, já era professora e fazia mestrado. Atualmente, é Doutora em Psicologia Social e leciona no Programa de Pós-Graduação em Psicologia de Educação da PUC de São Paulo.

Nair de Oliveira. Na época, participava do Grupo de Guarulhos. Dava aulas de alfabetização de idosos e coordenava a Catequese. Participou desde o primeiro grupo de CEB da Paróquia. Atuou na Pastoral da Saúde e como Coordenadora de Base na Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Vila Fátima.

Padre Ivanil Pereira da Silva. Na época, seminarista.

Padre Raimundo (Raymond Forget). Canadense. Atuou na Vila Fátima e nas grandes periferias de Guarulhos nas décadas de 60 a 90. Formado em Ciências Sociais pela USP. Incentivador de uma Igreja popular e engajada. Espírito dinâmico, organizador das Pastorais Sociais. Coordenou a elaboração do documento sobre Guarulhos para a criação da Diocese, enviado ao Vaticano. Na época, era um dos mais cotados para ser o primeiro bispo de Guarulhos. Já faz muitos anos que voltou para o Canadá.

Paulinho (Paulo Germano de Albuquerque). Na época, era metalúrgico na antiga fábrica Forest. Atuava na Pastoral Operária, organizando cursos de violão para os operários, adaptados ao método Paulo Freire. Atualmente é músico profissional. Dá aulas de violão, teclado, guitarra cavaquinho. Continua morando na Vila Fátima.



da manhã e, à noite, uma turma de alfabetização de adultos no barracão comunitário. A iniciativa foi incentivada e apoiada pela Irmã Mônica, e com a assessoria do Padre Raimundo, que organizou uma pesquisa com jovens da favela para compreender suas necessidades. Os jovens da Pastoral da Juventude entrevistaram os moradores da favela. A Equipe contou com minha experiência, pois já havia aplicado o método Paulo Freire na Prelazia de São Félix do Araguaia, em Mato Grosso, como colaborador de D. Pedro Casaldáliga.⁶

De 1977 a 1979, este trabalho voluntário do grupo de movimento popular, vinculado à paróquia Nossa Senhora de Fátima, ficou centrado em turmas de alfabetização junto às favelas (Divinolândia, Vila Flórida, Bela Vista, Vila Fátima), nos barracões comunitários e em casas de membros das CEB's. Havia quatro alfabetizadores. Inicialmente, o curso de alfabetização durava cinco meses, para maiores de 18 anos.

⁶ A trajetória que culminou no convite e na atuação do professor Hélio Reis junto ao Grupo de Educação Popular da Vila Fátima é descrita em dois manuscritos de sua autoria: um apresentado na Universidade Federal do Mato Grosso, em setembro de 2013 (Reis, 2013), e outro documento não publicado (Reis, 2024). Além disso, informações fornecidas à pesquisa de Rabello (2024), incluindo fotografias do acervo pessoal de Reis, complementam o relato. Nesses registros, Reis narra parte de sua trajetória no curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em São Paulo, com destaque para sua participação no movimento estudantil, o contato com o Método Paulo Freire e sua expulsão do seminário, em 1969, junto a outros 17 seminaristas claretianos. A expulsão ocorreu durante a ditadura civil-militar (1964-1985), em um dos períodos mais repressivos após a promulgação do Ato Institucional Número 5 (AI-5), marcado pelo cerceamento de direitos e pela perseguição política. O motivo da saída forçada foi a tentativa de implementar os princípios do Concílio Vaticano II, como o compromisso com os pobres e a transformação social. Após esse episódio, Reis foi convidado pelo então Padre Pedro Casaldáliga para trabalhar na alfabetização de adultos na Prelazia de São Félix do Araguaia, em Mato Grosso, entre 1970 e 1972. Entretanto, em 1973, com o aumento da repressão, a estrutura da Prelazia foi desmantelada, os espaços de atuação foram fechados e alguns integrantes do grupo acabaram presos. No mesmo ano, ao retornar para Guarulhos, Reis concluiu o curso de Letras. Em 1976, começou a lecionar no estado de São Paulo, após ser aprovado em concurso público. No ano seguinte, foi convidado pelo Padre Raimundo e pela Irmã Margarida para integrar novos projetos na Vila Fátima.



Figura 1 – Ação alfabetizadora em Guarulhos-SP

Ação de alfabetização em dezembro de 1977, realizada no barracão comunitário localizado na rua Sorocaba, na favela da Divinolândia, na região do bairro Bela Vista, em Guarulhos. Na imagem à direita, o professor Hélio Reis aparece ao centro, junto com educandos.



Fonte: Acervo pessoal de Hélio Reis, dezembro de 1977; fotos publicadas em Rabello, 2024.

A partir de 1980, sob a coordenação da Irmã Margarida, a Equipe foi ampliada para 10 pessoas, com mais entrosamento, procurando conhecer e aprofundar o “método Paulo Freire”⁷. Cada turma de alfabetização passou a contar com dois alfabetizadores. Mas o trabalho não ficou restrito à alfabetização. Foi estendido às Comunidades Eclesiais de Base. Isto foi resultado de uma procura constante, tentando ser uma práxis, numa conjugação dialética de ação e reflexão.

O trabalho semanal era assim dividido: a equipe dedicava quatro dias à prática e um dia (sexta-feira) dedicado à avaliação e planejamento para a semana seguinte. Esta avaliação era fundamental no encaminhamento e nas respostas aos desafios que iam surgindo. Um dos desafios identificados foi o problema do custo de vida. Diante de tal desafio, foi proposto que fossem realizadas compras comunitárias.

Na Vila Fátima chegou a ter 5 grupos de compras comunitárias, envolvendo mais de 50 famílias. E desenvolvemos outros trabalhos: Grupos de Lazer (nas favelas), trabalho junto à Pastoral Operária, Pastoral Escolar, Grupo de Fé e Política (engajamento político).

⁷ A Pedagogia Libertadora (Freire, 1987) ficou conhecida como “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos”, apesar de Paulo Freire considerar que tal concepção de educação não poderia ser resumida a um “método”.

3 ENCONTROS COM PAULO FREIRE

Foi neste ano, 1980, que Paulo Freire voltou definitivamente do exílio. A partir de agosto, passamos a contar com sua assessoria. Fomos o primeiro grupo de movimento popular a procurá-lo. Uma vez por mês (aos domingos), íamos a São Paulo. Primeiramente em seu apartamento na Rua Dr. Homem de Mello, e depois no Convento dos Dominicanos, nas Perdizes.

Figura 2 – Encontros de formação de educadores populares com Paulo Freire



Paulo Freire reunido com o grupo da Vila Fátima durante um dos quatro encontros mensais de formação para educadores populares, realizados em seu apartamento no bairro das Perdizes, em São Paulo.



Fonte: Acervo pessoal de Hélio Reis, novembro de 1980, fotos publicadas em Rabello, 2024.

O que nos impressionava era sua generosidade, a sua atenção, a sua paciência em nos ouvir, em dialogar em plena tarde de domingo, num homem tão requisitado. Junto com Paulo Freire, contávamos com o apoio de José Carlos e Vera Barreto, Frei Gorgulho, Ana Flora. E vinham representantes de vários movimentos populares: da cidade de São Paulo, de Sorocaba, de Lins.

Depois de tantos anos de exílio, falava em reaprender o Brasil, principalmente o desejo de conhecer as CEB's (Igreja Católica), movimento muito forte e atuante na época. Num desses encontros, a Irmã Margarida reclamava que os grupos da Igreja só queriam

saber de rezar e pouca ação. Paulo Freire estranhou muito e achou que não estava entendendo mais nada. Para ele, seria natural que a freira deveria estar contente pelo fato de o povo gostar muito de rezar.

No encontro de 09/11/80, Paulo Freire comenta o assunto sobre a reza: “[...] rezar em si não é ruim, não. O problema é saber qual é o tipo de reza. E se a gente faz alguma coisa para ajudar Deus na reza, porque senão, não dá.”

Se Paulo Freire pudesse voltar ao Brasil hoje, no final da primeira década do século XXI, teria que reaprender muito e ficaria muito confuso. As CEB’S se enfraqueceram. O engajamento de uma Igreja popular e profética (D. Hélder) deu lugar a uma onda conservadora, carismática (pentecostal). Esta tendência começou com João Paulo II e ganha força com Bento XVI. A Igreja está se fechando sobre si mesma. Não se fala mais do espírito e da renovação do Concílio Vaticano II, do ecumenismo, de uma Igreja aberta ao diálogo com este mundo vasto e complicado. Muitos consideram que a Igreja Católica está na pior crise desde a Reforma (século XVI).

4 O ANO DE 1980

Para contextualizar e entender melhor as falas do encontro, recorro à memória para tecer ou recordar algumas situações e acontecimentos de 1980:

- A fundação do PT – Partido dos Trabalhadores –, em 10/02/80, foi a grande novidade da política brasileira. Fundado por um grupo heterogêneo, composto por dirigentes sindicais, intelectuais de esquerda e católicos ligados à Teologia da Libertação, teve um papel fundamental na consolidação e avanço da democracia brasileira.
- O General Presidente era João Batista Figueiredo, o quarto e último da Ditadura Militar. Ameaçou com “prendo e arrebento” quem fosse contra a abertura política. E que preferia o cheiro do cavalo ao cheiro do povo.
- O Governador biônico do Estado de São Paulo era Paulo Maluf, eleito indiretamente pelos convencionais da ARENA, partido da Ditadura. Em 1979, reprimiu a greve dos professores. Em pleno mês de maio, decretou férias, recesso escolar de 30 dias para esvaziar o movimento. Na fala de Mimi (Profa. Mitiko), ela se refere às assembleias dos professores de Guarulhos, realizadas no salão da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na Vila Fátima. O comando da greve, incluindo o autor deste artigo, foi



ameaçado de prisão. Maluf chamou as professoras de “mal casadas”, afrontando a grande maioria do magistério paulista.

- A Greve do ABC, iniciada em 30/03/80. Em 18/04, prisão de Lula e outros líderes sindicais. Grande mobilização dos metalúrgicos, apoio da Igreja que lhes abriu as portas, arrecadação de alimentos, fundo de greve. Em 20/05, os líderes sindicais são libertados. O movimento do ABC foi o começo do fim da Ditadura Militar.
- A primeira viagem do Papa João Paulo II ao Brasil, no meio do ano, que durou 12 dias. Estive no encontro do Papa com os operários, 09/07/80, no Estádio do Morumbi (150.000 pessoas), onde Waldemar Rossi fez uma saudação em nome dos trabalhadores presentes. O carisma do Papa polonês mobilizou milhões de pessoas nas missas campais. Mas já se nota um recuo conservador, freando a Teologia da Libertação e a Igreja Popular, militante e profética, no Brasil e em toda a América Latina.

5 DIÁLOGO TRANSCRITO NA ÍNTEGRA

Padre Raimundo: – Trabalhamos juntos (apresentando o grupo de Guarulhos)

Paulo Freire: – *Tem aqui. É uma menina, Mimi. Mimi é de Guarulhos, mas eu a conheço porque fizemos parte de um seminário de que eu faço parte também. E ela tem muito interesse naturalmente, porque é terreno dela. Ninguém perguntou se eu conhecia alguns grupos em Guarulhos que estivessem trabalhando. E aí eu falei de vocês. Ela perguntou se deveria participar, não quebrando o esquema deles. Mas eu disse que era reunião deles. Eu disse que, primeiro, vou perguntar para a equipe. Eu acho que eu corria o risco de convidá-la para participar. Eu penso que vocês não iriam proibir. Mas se vocês proibem, não tem nada, ela sai. (Risos)*

Mimi: – Não é para rir não, eu saio mesmo.

Paulo Freire: – *Agora vocês são uma equipe um pouco mais amadurecida.*

Barreto: – Está calor.

Paulo Freire – *Na primeira noite em que nós estivemos aqui juntos, eu me lembro que, depois de um certo tempo de conversa, chegávamos a uma certa conclusão de que era um esforço grande que vocês vêm fazendo junto à população, junto às favelas. [Vocês explicaram que para as pessoas da comunidade], se eles tivessem alguma produção, alguma coisa de trabalho, havia um obstáculo [para se reunirem]. Parecia, mais ou menos, intransponível, de um tempo para cá o fato de que o povo só queria rezar. Por isso...*

Hélio: – É um dos elementos.



Paulo Freire: – *Eu me lembro de que eu tinha dito a vocês que não tinha problema nenhum. Tínhamos que começar mesmo pela reza. O povo só quer rezar. Ótimo. Vamos rezar. Agora, vamos fazer uma reza diferente, porque eu estou convencido de que rezar em si não é ruim, não. O problema é saber qual é o tipo de reza, se a gente faz alguma coisa para ajudar Deus na reza, porque senão, não dá. Então me lembrei daquela noite em que convidamos para outra reunião Frei Gorgulho e Ana Flora que, lamentavelmente, não pôde estar no domingo passado. Era aniversário de um filho. [...] Não sei se hoje será confirmado.*

A gente não vai fazer nada obrigatoriamente, mas eu me lembro de que eu tinha proposto uns seminários com Frei Gorgulho e Ana Flora, em que teoricamente a temática seria uma discussão em torno de Fé e Política. Não sei se vocês se lembram disso, quer dizer, que relação é essa? O que vai ser Discutir Fé e Política? No meu entender, significa discutir mundaneidade e transcendência, História e Meta-História. Que diabo é isso? Como é que esse troço se relaciona? Como é que, dentro da História, eu me projeto na Meta-História? Será que este treco existe mesmo ou não existe?

Eu acredito que sim. Então, a outra questão ligada a esta temática, [...] eu achava formidável se fizesse uma espécie de releitura da Bíblia, releitura dos Evangelhos. Isso quer dizer que vamos exatamente descobrir a historicidade do recado [...] porque, para mim, uma destas teorias que começam a ser enxeridamente de teólogo... uma das coisas terríveis que nós fazemos, como cristãos, é a de desencarnar, você veja que negócio terrível, desencarnar a palavra de Cristo. Terrível isso. [...] No fundo, a gente tira a carne, fica um pedaço de osso que a gente chama a palavra de Cristo. Orestes se refere à velha Penépole (?). Ela perde a dimensão histórica. A gente tira. Isso é tão terrível. A gente tem o poder de desistoricizar os Evangelhos. Acho que essa seria uma preocupação que eu considero fundamental para uma boa compreensão, inclusive, da religiosidade popular. Eu acho que o problema nosso não é negar a religiosidade popular; nem é, tampouco, um sobrepor à linguagem que expressa essa religiosidade. Acho que a gente também está muito ignorante, não está ainda conhecendo bem a própria estrutura do pensamento popular. Então, por isso, a gente faz propostas, às vezes, puramente conceituais, abstratas, quer dizer, a nossa maneira de nos relacionar com a classe oprimida na favela, com a periferia etc., às vezes, não tem nada a ver com a estrutura do pensamento que está lá. A linguagem é outra.

Ontem, por exemplo, eu tive uma reunião muito boa. Do meu ponto de vista, [...] não sei se eu terei sido tão útil aos participantes quanto eles foram para mim. Eram de moços, de professores, professores de primeiro e segundo grau. Segundo grau é supletivo, colégio,



essas coisas. Gente bacana de Filosofia, de Português, de Ciências Naturais, de Matemática. Uma jovem professora da periferia, de Teoria Literária, contando o que ela considerou um fracasso total dela, porque levou um texto, vocês não sabem de quem, para ler. De Kafka. Não deu. Eu disse: minha filha, olha, eu acho o seguinte. Em primeiro lugar, para mim, reconheço a genialidade do autor. Kafka tem a ver com a gente realmente, porque a situação brasileira é kafkiana (risos)[...]. Que a situação brasileira é kafkiana, não há dúvida, mas [...] não significa que qualquer brasileiro vá entender Kafka e vá se interessar, inclusive, por ler Kafka. Agora, vê bem, não sou contra que você leia Kafka. Eu acho que, antes de ler Kafka, você tem que ler um texto popular. E dei, então, uma sugestão a ela que era a seguinte. [...] Suspende Kafka e pega, então, um livro recém-publicado, coordenado por Carlos Brandão, que se chama “Questão Política da Educação Popular”. E lê, com os estudantes, o prefácio deste livro e o posfácio que foram feitos por um camponês. Simplesmente, Brandão gravou e depois meteu no papel. O que esse cara diz [sobre] o que é educação é um troço extraordinário! E como ele diz! Então, eu disse para ela: - Olha, eu proponho agora a leitura deste texto [...]. Vão discutir isso. Depois, talvez possam ler Kafka, mas antes, não.

Eu tenho a impressão de que no seminário como este que a gente está propondo, [...], vocês podem se sentar com Ana Flora e Frei Gorgulho e discutir enormemente uma série de coisas que vocês organizarão e outros aqui, como Barreto. Mas, noutras dimensões, eu acho que nós podemos contribuir. [...] Então, nessa reunião, eu pensava em recolocar isso. [...] Acho que, inclusive, os que estão aqui podem fazer a opção de, depois discutir se [...] vocês confirmam o que ficou certo na primeira reunião, se é válida ainda esta proposta e esses encontros específicos com Frei Gorgulho e Ana Flora. E o que vocês gostariam de ter, além disso, do ponto de vista da assessoria nossa para o trabalho de vocês na área popular. Agora, eu deixo a palavra para vocês, incluindo Gorgulho e Ana Flora.

Fábio: – Acho que é uma possibilidade tratar da questão de Fé e Política, mas existe também a questão do método de alfabetização...

Paulo Freire: – Sim. A gente faz isso também.

Fábio: – Ainda, independente disso, tem o próprio trabalho nas Comunidades de Base. Um desses trabalhos gerou esta questão. O povo quer rezar, mas tem outro estágio mesmo dos grupos, uma interferência de outro nível, que não se dá enquanto igreja, enquanto religião mesmo, mas se dá no nível mais popular. Cada um tentou preparar um pouco em cima do que você tinha pedido também, da ação junto à população.

Paulo Freire: – Está ótimo. São as experiências nas quais vocês se acham.



Fábio: – A gente pensava, sabe, em reunir estas questões. Uma já estava bem colocada. Quando saímos daqui, na última reunião, me pareceu um consenso de grupo, de assumir mesmo que Frei Gorgulho e Ana Flora pudessem contribuir com esta formação. E tem as outras questões que a gente gostaria de colocar.

Paulo Freire: – *Exato. Por exemplo, talvez, até antes de vocês colocarem, eu queria fazer já um convite a toda a equipe. Podemos dizer que tem a ver também com as preocupações de vocês. Resolvemos fazer o primeiro encontro entre todas as equipes, no próximo dia sete de dezembro (1980), um domingo, entende? Eles estão tentando com Frei Gorgulho, lá no convento, no mosteiro (dos dominicanos, nas Perdizes), uma sala, não sei, se possível, uma sala para isso, em que todas as equipes se reuniriam, de 9:00 da manhã ao meio-dia. À tarde, de duas horas... Almoço, lanche, trariam o lanche de vocês, desde que a gente se comprometa não sujar o mosteiro, deixe-o limpinho. Isso faz parte do aprendizado também (risos). Então, de duas, de novo, até seis, mais ou menos. Aí, a gente voltaria, certo? Bom, a proposta nossa é que as equipes antes de vir pra cá, se reúnam, discutam e façam, afinal de contas, uma síntese do que elas dirão na reunião do dia sete e elejam o seu ou os seus relatores. No caso como este aqui, é preciso que se tenha até duas pessoas, colaborando, colocando os problemas. E, enquanto isso, as outras anotam, certo? Enfim, fala-se das dificuldades etc.*

Então, a segunda parte da reunião é uma discussão de todos, em cima da prática de cada equipe. Vai ser um negócio bárbaro! Vamos discutir a prática de que a gente ouviu falar agora. E, na primeira parte da tarde, nós voltaríamos a uma reflexão teórica montada em duas coisas: primeiro, nesta prática que já foi exposta; e, segundo, na leitura dos textos que eu escrevi. [...] Já que vocês estão trabalhando comigo, acho que eu resolvi perder a vergonha (risos). Sugeri. Até então, eu nunca tinha sugerido jamais, inclusive, no mundo todo eu sugeri, mas até agora resolvi começar a sugerir. Então, eu sugeriria que lessem, daqui para lá, com serenidade, com profundidade, “A Ação Cultural para a Liberdade” [Freire, 1967] e outros escritos, que lessem, pelo menos, as partes da “Pedagogia do Oprimido” [Freire, 1987] e umas cartas em que estão postas neste livro a questão política da educação popular. São umas cartas que eu escrevi aos educadores de base de São Tomé e Príncipe, na África. Estas cartas se referem a um material que nós usamos em São Tomé e Príncipe, material de alfabetização e pós-alfabetização. E as cartas são a teoria destes textos, destes materiais. Como eu tenho só uma coleção, vou levar um dia esta coleção para lá. Quem leu as cartas pode manusear facilmente os arquivos. E, na última parte da reunião, seria a da constituinte, constituiríamos um representante de algumas pessoas que fazem parte das equipes, uma pequena comissão que, juntamente conosco,



discutiria comigo, passaria a coordenar os futuros encontros das demais equipes, o seminário e coordenar, mais ou menos, a sistemática dessa reunião etc. Um primeiro encontro vai começar para todos, mas, sobretudo, aos que fazem alfabetização. Seria, então, um seminário interdisciplinar em que, professores distintos, de cadeiras e disciplinas distintas, poderiam estudar certas temáticas que se encontram ligadas às palavras geradoras. Retiraríamos das experiências de vocês todos. Vocês acham que é possível a presença da equipe de Guarulhos para esta reunião?

Pessoal de Guarulhos: – Sim! (alguns perguntam sobre o dia e o horário deste encontro).

Paulo Freire: – *Certo! Os outros podem vir? Fica o convite. E gostaríamos de saber o número, para ter uma ideia de quantos são de cada equipe. Então, era isso o que eu queria colocar. Fixem bem: domingo, sete de dezembro. Agora começa a parte de vocês. O que vocês acham? [...] Eu estou aqui ao dispor. Talvez fosse imediatamente sobre o programa de Gorgulho e de Ana Flora. E se estão ocupados. Talvez eles precisem sair um pouco mais cedo que vocês próprios. Qual é a ordem de vocês?*

Ana Flora: – Não pretendo interromper o encontro de vocês, que começou há pouco. A gente não conhece bem o trabalho.

Paulo Freire: – *Não. Há tempo.*

Fábio: – A questão discutida com a equipe seria sobre os problemas todos que a gente está vendo nesta experiência com os grupos de alfabetização. Isso já tem três anos, três ou quatro anos. E, dentro desse trabalho, houve etapas onde a equipe era bem menor. Começou com dois monitores. Depois, foi aumentando. E, no início deste ano, quando se propôs um treinamento do pessoal, com a maioria das pessoas que estão aqui, foi colocado o seguinte: é, a gente está fazendo o método de alfabetização na favela, no bairro, mas, sabe, e depois a que isso leva? Para onde é que vai esse pessoal, sabe? Qual é a prática que este método vai gerar? Então, a gente fez algumas colocações. Não sei, vou falando. Depois, o pessoal vai acrescentando. Mas uma das coisas que a gente viu é que não existia nenhum organismo que possibilitasse, assim, uma ação coletiva desse pessoal.

Então, alfabetizava na favela tal (em cinco meses). Depois, adeus, pessoal, nunca mais! Não se tem mais notícia se esse pessoal está engajado em algum trabalho ou não, coisas assim. Dentro disso, então, pensou-se nas Comunidades (Eclesiais) de Base. E olhando também uma questão da educação mesmo, uma deficiência educacional que existe em nosso povo. A gente pensou que seria bom fazer grupos de debate que comessem pelas Fichas de Cultura, sabe? Depois que os grupos propusessem os temas,



a gente fosse desenvolvendo, fosse estudando, até que esses grupos de estudo possibilitassem incentivar os grupos das Comunidades a proporem mesmo uma ação.

Paulo Freire: – *E foi feito isso?*

Fábio: – Este processo vai caminhando. Acho que é aí que a gente tem os problemas agora, sabe?

Paulo Freire: – *A proposta eu acho interessantíssima porque...*

Padre Raimundo: – Acho que seria bom acrescentar, sem complicar demais, acrescentar aqui uma última preocupação que tivemos nos últimos tempos em relação ao movimento operário, sem esquecer os demais [...], já é uma coisa que começou, só para mostrar mais este aspecto.

Fábio: – Além disso, surge a questão com a Pastoral Operária, onde a gente está tentando desenvolver um trabalho de conscientização, que é esta pedagogia do oprimido. É isso mesmo? Mas que possibilitasse a este grupo de Pastoral Operária, dentro da cidade de Guarulhos, descobrir um método de trabalho onde se pudesse, assim, através deste método, conseguir maior participação, mais elementos, estender o trabalho da Pastoral Operária. E uma das limitações, é que, se a gente for olhar no todo, entre os operários, não existe necessidade de reunião. O pessoal não quer se reunir para nada. Falou em sindicato, isso é coisa de [...], sabe?

Padre Raimundo: – O que o pessoal está sentindo, os poucos operários, os que estão mais conscientizados, tentam na fábrica, através da conversa, por exemplo, um pouco tempo de conversa. Eles tentam conversar. Eles notam que, além da desconfiança dos sindicatos, estas coisas [...] eles querem dinheiro, subir na vida e tranquilidade. Então, eles não sabem por onde, como começar um diálogo e se entrosar. E, diante disso, se perguntou se, a partir do método, se não daria para fazer uma reflexão sobre. Já se começou uma reflexão entre os operários, já tiveram três reuniões. Isso é uma outra preocupação também do conjunto.

Hélio: – Temos também a Pastoral Escolar que estamos tentando ampliar. Por exemplo, na reunião da semana passada, sugerimos um trabalho nas escolas. Eu sou professor do 2º grau, da rede estadual. Eram oito pessoas, o nosso grupo, mais ou menos, que estavam na reunião. Então, a gente procura trabalhar em cima do método. Para a próxima reunião, ficou assim: cada um faria uma pesquisa completa na sua própria escola. E, para esta próxima reunião, cada um levaria um professor, um pai e um aluno, se exporia nela a realidade da escola, completa, para valer mesmo, a escola, a relação professor-aluno, como funciona, tudo direitinho. Aí, haveria um debate entre pais, alunos e professores, entre os mais engajados. E, daí, se tirariam os objetivos desta Pastoral, nós



como cristãos, tiraríamos o objetivo próprio desta Pastoral, dentro desta realidade do ensino que está aí.

Paulo Freire: – *Muito bom isso!*

Barreto: – Eu tenho percebido, em vários trabalhos que se têm feito, que está se descobrindo que alfabetização não é um fim, que alfabetização é um instrumento pelo qual se faz educação. Não há necessidade só de alfabetizar... Mesmo alfabetizado, o processo tem que continuar, certo? Acho que esta descoberta está sendo muito frequente. Realmente, é preciso acompanhar. Faz parte de um processo mais amplo que é de educação do povo. Educação é um pretexto, um instrumento. Acho que é um assunto muito real.

Hélio: – Eu me lembrei agora que, na alfabetização, o pessoal fazia um cursinho de cinco meses, depois se dispersava e ninguém sabia. E daí? Lá no fundo algo mais palpável, não se sentia. Daí se pensou em um negócio palpável, que se acompanhasse. Então, a gente pensou, decidiu trabalhar com a CEB (Comunidade Eclesial de Base). A gente sentia uma certa organização, já tinha um certo caminhar. Era mais fácil realmente...

Fábio: – Se bem que isso não acabou. Não se pôs limite, não foi extrapolado. Continuam existindo grupos de alfabetização que não estão ligados às comunidades.

Paulo Freire: – *Agora, o que é preciso é descobrir meios, através dos quais, os alfabetizados desses grupos e os alfabetizadores repensem o processo da alfabetização que, na verdade, a alfabetização é [...] Eu me lembro que o professor Henri Giroux⁸, disse [...] que alfabetização de adultos, nesta perspectiva, é já a própria antropologia, é a própria concepção do ser fazendo-se, quer dizer, é um negócio que toca com a estrutura do pensamento, portanto, de uma seriedade extraordinária. Se a gente entende bem a alfabetização, a gente vê como ela é, na verdade, mais do que uma introdução, ela já é a educação.*

Agora, de modo geral, porém, lamentavelmente, não é essa a percepção que a gente tem da alfabetização, nem aqueles que precisam, nem os que estão dispostos a alfabetizar os outros, porque se pensa, de um modo geral, que a alfabetização vai ser um exercíciuzinho mecânico, através do qual a gente vai dominar a escrita de uma palavra, a leitura de outra etc. Eu acho que uma das coisas que a gente devia fazer é ver se era possível repensar a alfabetização, a prática da alfabetização.

⁸ GIROUX, H. A Alfabetização e a teoria do empowerment político. In: FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização, leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. O mencionado livro teve sua primeira publicação em inglês em 1987.



Este seminário que a gente está propondo para o dia sete de dezembro (1980) e outros, depois, têm isso como objetivo também. A outra coisa é essa que Barreto se referiu. Para se fazer um bom trabalho de educação popular, não se precisa começar pela alfabetização e nem se precisa de estar com alfabetização. Você pode fazer o que a gente chama de pós-alfabetização, mesmo com analfabetos, está entendendo? Até pode ser aparentemente paradoxal que você faça uma pós-alfabetização com quem não sabe ler e escrever. Para evitar o paradoxo aparente a gente diria: a gente faz educação de modo geral, independentemente das letras.

De outra maneira, ainda, eu diria que o fundamental é ler a realidade, transformá-la, reescrevê-la, transformá-la. E a leitura da realidade pode ser feita sem a leitura da palavra. O contrário é que não pode, quer dizer, não é possível, numa perspectiva revolucionária, ler a palavra sem ler a realidade. Ler a palavra, sem ler a realidade, é trabalho do MOBREAL. Esta é a diferença radical entre mim (sic) e o MOBREAL. (risos)

Barreto: – Talvez, um dos problemas concretos que aparecem, quando a gente tenta fazer isso, é descobrir quais os aspectos da realidade que realmente interessam.

Paulo Freire: – Isso. De onde partir.

Barreto: – A gente tende muito a atentar, a salientar os aspectos da realidade que nos interessam.

Paulo Freire: – Exato.

Barreto: – E não interessam ao grupo que está sendo educado. Então é um problema. É um conflito. Eu quero discutir, por exemplo, sei lá, discutir, eu quero discutir o PT. O pessoal não está aí com o PT. Eu sei que o PT é importante ou o sindicato. Fazer esta adequação, de partir da realidade sem esquecer que nós estamos num processo político de transformação e organizativo. Agora, se não começar da realidade, vai ser mera enrolação com que eu vou ter que conviver. A palavra conscientização tem muita conotação de convencimento. Conscientizar o povo que o PT é bom. É. O sindicato é assim, que o capitalismo é ruim. Quando, de fato, a gente quer saber a base em relação ao que partir, senão, não há interesse...

Fábio: – Acho que tem um dado bem de práticas, talvez dois. Tem um grupo que a gente está acompanhando e o pessoal foi discutindo, foi puxando os temas. E chegou num determinado instante que era a questão da higiene, lixo. Como vai ser? Ah! Tem que fazer uma reunião. Ah! Mas o povo não se reúne, sabe. Olha para ver como é. A coisa está meio assim: só se reúne quando tem um acontecimento triste. Por exemplo, pegou fogo numa fábrica noutro dia, juntou gente assim (risos). Então, morreu alguém, junta gente pra ver, sabe? Então, por que a gente não provoca uma briga, quer dizer, a gente dramatiza uma



briga no meio da rua e começa juntar povo. E aí a gente vai dizer: olha, a briga é por causa do lixo. E começar a discutir (risos)...

Houve instante em outro grupo que fez todas as Fichas de Cultura e estava discutindo outros temas. [...] A partir das fichas, senti que houve uma mudança nas pessoas. [...] A gente precisa fazer mais grupos destes. E daí acabou esse negócio que tem monitor, que tem um pessoal que está sendo ensinado. A gente começou a repartir a dúvida. E daí juntos, tendo em vista, e talvez até como o caminho de bolar, o nosso próprio material.

Paulo Freire: – *Pois é, mas isso é o correto, entende? Isso não significa que alguns de vocês não tenham uma função, até eu diria, preponderantemente de educador. O que não é possível é que seja exclusivamente o educador dos outros, quer dizer, o educador não é um exclusivo educador do educando. Também não é educando do educando, entende? Então, é o sujeito que está procurando. O que estão fazendo com esses grupos? Vocês estão propondo, com os grupos, conhecer e reconhecer algo. O que é esse algo que vocês estão propondo reconhecer ou conhecer? É exatamente porque, vê bem, aparentemente vocês estão procurando conhecer métodos de ação. Aparentemente, mas não é não. O que vocês estão procurando conhecer é a realidade.*

Agora, no conhecimento do real, o método de conhecer o real se constitui no conhecimento do real. Não sei se estou muito misterioso agora (risos). A desgraça do intelectual é quando ele teoriza o concreto, ele faz abstração demais. Quando ele faz abstração chega ao conceito. E aí perde, sai do concreto. Mas o que eu quis dizer é o seguinte: olha, vamos admitir que Barreto e eu estamos aqui à procura de conhecer este treco aqui (referindo-se ao rádio-gravador que gravou esta conversa) que a gente aqui não sabe o que é. A gente sabe só que é um objeto qualquer. E até eu admito que a gente sabe o que é um objeto que fala, que está perto. É um negócio que tem uma certa técnica, uma certa tecnologia, mas nós não sabemos ainda direitinho o que é isso. Então, nós temos isso aqui, entre nós dois, entre mim(sic) e ele. Isso aqui agora eu vou chamar de rádio, ou vou chamar, em linguagem especial, eu vou chamar de objeto de conhecimento. Isso é um objeto de conhecimento. O que é um objeto de conhecimento? Não importa o que seja isso, ou que seja a Geografia do Nordeste do Brasil, ou que seja um capítulo da Teologia.

O objeto de conhecimento é alguma coisa concreta ou abstrata, mas que vira concreto, que provoca em nós uma curiosidade, no sentido de desvelar o objeto, de desnudar, de tirar o véu de cima dele, quer dizer, puxa, olha! Oh o que era! O objeto do conhecimento é, em última análise, uma coisa que se dá à nossa capacidade de conhecer. Veja! Primeiro, isso é importante esclarecer. Em segundo lugar, eu estou convencido de



que esta prática de conhecer o objeto não é individual, é social. Isso é um ato social, mesmo quando se está dando individualmente numa biblioteca, num laboratório, mas só se dá através de um sujeito que é social e não individual.

Então, por isso mesmo, agora somos dois sujeitos que estão aqui. O sujeito é exatamente o agente, o cara que é capaz de, não o cara que está sendo incidência ou o ponto sobre o qual cai a ação do outro. Eu e Barreto somos agora sujeitos de conhecimento. Somos sujeitos que estamos procurando conhecer esse objeto. Então, todo objeto de conhecimento, quando se constitui como objeto de conhecimento, implica necessariamente a existência de sujeitos que conhecem. Então, tem uma palavra aí, na teoria do conhecimento, muito estrambólica que os professores usam e dão susto nos caras que não estão acostumados com elas. Eu vou dizer a vocês que tudo isso que eu disse agora, o sujeito que está procurando conhecer, engajado na busca do conhecimento, você pode dizer duas palavrinhas só, você pode dizer: o sujeito cognoscente. O sujeito cognoscente é o que está conhecendo, que quer conhecer, que pode conhecer.

Então, a nossa tese, que é política mais do que pedagógica e de teoria do conhecimento, é a seguinte: é de que conhecimento não se transfere de A e B. Eu não posso pegar o conhecimento que tenho deste rádio e meter na cabeça do Barreto (risos). Conhecimento se faz em diálogo e se refaz e se cria através, inclusive, [o conhecimento] do ato de transformar a realidade. O que vocês estão fazendo com esses grupos é exatamente conhecer e reconhecer com eles. Vocês estão fazendo teoria do conhecimento em prática. E isso é educação.

Fábio: – Daí, nesse instante a gente acha isso belíssimo. Puxa! E agora, sabe. Como que é?

Paulo Freire: – *Mas, pois é. Nesse ato de conhecimento, se aprofunda e vocês estão num momento em que começam a se perguntar: onde é que esse aprofundamento me leva, nos leva? Segundo, é que o excesso de conhecimento, chega um momento em que não pode, se esgota na periferia. E, daí em diante, na periferia dos objetos (risos). E não da realidade.*

Nair: – Da realidade.

Paulo Freire: – *Exato. E, daí em diante, ele começa a demandar a prática mesmo, uma prática maior, no compromisso maior, inclusive, eu acho que vocês estão num momento que não é de pessimismo. Pelo contrário, num momento que é tempo ideal, do casamento com estes grupos populares, quer dizer, vocês podem pifar, na medida em que não sejam capazes, com os próprios grupos, de descobrir como continuar estimulando ou descobrir a prática que seja capaz de motivar a continuidade da busca, entende, porque*



não há uma motivação para certas coisas. Isso é uma coisa do psicologismo que meteu na cabeça de muita gente, que há um momento de motivação.

(INTERRUPÇÃO. Chegam Madalena Freire (filha) e Welfort (genro).

Paulo Freire: – *Epa, filha!*

- Boa tarde! Tudo bom?

Paulo Freire: *Tudo bem, querida?*

- A mamãe saiu com a Caroline. Foram ao correio.

Paulo Freire: – *Para quem não conhece esta é minha filha Madalena e Welfort, o marido dela. [...] Eu gostaria de dizer também que os homens são maridos das mulheres e mulheres não são maridos de mulheres. (risos)*

Bem, entende, quer dizer, acho que isso é uma coisa. É preciso advertir muito que não há propriamente uma motivação que anteceda à ação. Não sei se estou sendo claro ao dizer assim: agora vamos fazer o momento da motivação e depois vem a ação com que foi motivada. Nada disso! Isso é psicologismo. A ação é que é a motivadora de si ou é também a motivadora da sua avaliação, quer dizer, quando a ação, vê bem, quando a ação se pergunta, não estou dizendo que existe uma ação lá em cima, no céu etc. Não é isto. Pela prática se pergunta por sua programação, por sua organização, ela está se organizando. Quando a prática se pergunta em como continuar, ela está se motivando, procurando inventar motivações. E quando a prática se detém, se volta sobre ela, ela é a avaliação. Mas ela é sempre a prática, entende? E que exige os momentos da reflexão crítica. Daí, tem que fazer uma relação sempre dinâmica entre a prática e a reflexão, entre a ação e a reflexão crítica. E a prática é a teoria. Então, aí o Barreto, hoje no começo, quando falou, disse isso, quer dizer, em outras palavras. O que é preciso é descobrir os motivos novos para as novas práticas, descobrir na prática atual.

Fábio: – *É isso mesmo. Teve um grupo [que] comentou em determinado instante uma coisa que tem que ser revista mesmo. Em determinado instante, o grupo resolveu parar, não querendo mais discutir esse negócio, sabe? [Um aluno disse] - Eu não entendo nada de política. Aí, um deles disse: se não entende, tem que entender, sabe? [O aluno respondeu] Eu não entendo nada de mundo, essas coisas, não quero saber. [...] A gente achou que foi positiva uma coisa. O grupo sentou e discutiu isso, sabe? O grupo não desistiu. [...] Sentou, avaliou e não dava mais para caminhar isso. Enfiar na cabeça das pessoas que tem que sentar pra discutir e estudar, não dá. [...]*

Nair: – *Mas, por outro lado, também, tem a nossa experiência, em nossa comunidade, porque a gente está se reunindo no salão, acompanhado por dois membros da equipe. E a turma foi diminuindo, cada reunião foi diminuindo. Então, chegou uma hora*



em que a turma resolveu: vou pensar. O que nós estamos fazendo aqui, onde é que a gente vai? Então, surgiu uma proposta da própria comunidade: entrar em ação. A própria comunidade assumir o trabalho, independente dos membros da equipe que nos acompanhavam. Então, eles continuam nos acompanhando, nos preparando para entrar em ação. Isso aí, a gente está dentro do trabalho com eles, independente da alfabetização. Então, nós vamos começar a trabalhar com eles na favela. Estamos bolando agora uma novena de Natal. Querem rezar. Vamos começar rezando com eles no Natal, para daí, a gente partir para o trabalho. Através da novena, a gente já se entrosa, já toma mais conhecimentos com eles, para ver se a gente consegue trabalhar a questão da conscientização, claro.

Barreto: – Acho importante sentir o seguinte: não existe receita para este trabalho.

Paulo Freire: – *Isso, isso!*

Barreto: – E os grupos não são iguais. O que motiva um grupo a se reunir na favela ou dois na mesma favela não é a mesma coisa. A gente descobre uma pista. Esta pista parece boa, porque funcionou com este grupo. Então, não vamos generalizar. A gente tem que implantar o mesmo modelo em tudo, quando, de fato, o grupo é um número de pessoas, não é uma máquina? Então, o trabalho de grupo é muito criativo. O que motiva aquele grupo naquele momento, naquele estágio...

Nair: – Achamos importante que, a partir do momento que o grupo se propôs a trabalhar num objetivo houve mais animação, aumentou a participação, mais pessoas da comunidade se interessaram. E agora está caminhando. Então, eu acho que, principalmente para mim, foi muito importante. Eu, então, me senti mais motivada. A gente só ia lá se conscientizar e só ficava naquilo. Agora, a gente tem em vista alguma coisa.

Barreto: – Então, foi identificado algum motivo para se reunir, também não significa que está para sempre. Há um processo. Aquilo já não importava mais. Começa a sentir que o grupo vai perdendo substância. É o caso do culto. Tem que descobrir outras formas. É muito criativo, mesmo porque não é espontânea a reunião do homem em grupo. Todo mundo tem uma mentalidade individualista que precisa ser quebrada. Então não é uma coisa puramente que tem que juntar. Não existe isso. Junta quando sente que aquilo é bom para ele. Parece que...

Ivanil: – Foi o que aconteceu com um grupo [...]. Foi erro. Nós estávamos dominando aquele grupo praticamente porque nós queríamos levar uma conscientização e eles não estavam a fim. Só estavam a fim de rezar. [...] Nós não estávamos sentindo, estávamos forçando ali. Vocês têm que se conscientizar. Até que o pessoal deu um basta, sabe, de maneira indireta. Começaram a faltar. Não iam mais. Por quê? Porque é um grupo de



cristãos. [...] Nós vamos ter que mudar essa mentalidade. Não respeitamos aquilo. Então, o negócio caiu. A partir daí, começou a surgir também uma nova maneira de pensar. Como trabalhar com estes grupos?

Barreto: – Estão fazendo armadilha para enganar os outros.

Paulo Freire: – *Exato!*

Ivanil: – Até que nós chegamos a esse consenso.

Paulo Freire: – *O problema é esse.*

Ivanil: – Então, até que agora, nós estamos com outro grupo que quer rezar. Mas, então, comecei a analisar: se reuniam para rezar o terço. Então, vamos pegar o terço, né? Nós não tiramos aqui?

Paulo Freire: – *Claro!*

Ivanil: – Nós tiramos com todos os mistérios. [...] Esses mistérios são mais concretos. Fui discutindo com eles, se eles aceitavam, porque eu percebi que a maioria deles são portugueses. E tem aquele método tradicional de rezar o terço, até mecanizado. Até as orações: “Orai por nós que recorreremos a vós...” (risos) Tem toda uma realidade que, sabe, não é palpável, uma coisa que não corresponde. Então, gostam de mim. Conversamos com eles, dinamizaram, se entrosaram. Eles aceitaram, apesar que alguns olharam assim, né? Mas vamos começar a fazer isso, não fechando os olhos para a conscientização [...]

Paulo Freire: – *Outra coisa também que é interessante salientar é que se pensa em conscientização tal qual se pensa em motivação, quer dizer, a conscientização como uma coisa que está fora, como instrumento, um martelo que a gente vai buscar etc., em certo momento, inclusive, um prego. Conscientização, agora não é hora de conscientização, depois é a hora. Não é isso.*

Alguém do grupo: – Ela é uma dialética.

Paulo Freire: – *É lógico. É uma dialética. Talvez em linguagem muito simples, como você falou aí na pesquisa [...] quando eu disse que conscientização, no fundo, é uma tomada de consciência aprofundada. A tomada de consciência do real, essa daí, essa é espontânea, essa faz parte da natureza mesmo, que se vê constituída e caracterizando o que a gente chama de o bicho homem e o bicho mulher. Que quer dizer com isso? Que o corpo consciente nosso é um corpo consciente sempre de algo, de alguma coisa. Não haveria corpo consciente que não fosse corpo consciente de alguma coisa. É esse ser consciente de alguma coisa, sempre, sempre que explica a tomada de consciência, quer dizer, nós somos seres no mundo e com o mundo. Com o mundo significa que estamos sempre tomando consciência dele, enquanto o contrário de nós. Isso é a tomada de*



consciência. Então, para fazer a tomada de consciência, eu basto estar vivo. Agora, a conscientização é o aprofundamento em todos os graus e níveis desta tomada de consciência, quer dizer, é a apreensão clara e profunda do meu papel no mundo, não enquanto indivíduo só, mas também do meu papel enquanto ser social, certo?

Eu até queria dizer que a conscientização implica, então, numa apreensão rigorosa, científica, cada vez mais rigorosa, cada vez mais científica da realidade por transforma-se ou transformando-se, entende? Então, no fundo, ela é ato de conhecimento. Ela emprenha, engravida o ato do conhecimento. Ela é apreensão e não recepção. É transformação, não é transferência.

Barreto: – Acho que seria bom a gente ir relatando esse tipo de experiência que é tão importante. Essa é a própria vida falando. Quem mais?

Francisca: – Eu estava pensando no seguinte. A gente, desde que nós começamos na equipe [...] sofria mais porque [...] não tinha muita gente com quem falar, sabe? Às vezes, o problema ficava assim, vinha até aqui, [...] o pessoal tinha um certo conhecimento teórico, mas não estava ali junto com a gente. Então, a gente já falava sempre, avaliava sobre o problema da ação, tal. Agora, tem uma coisa, por exemplo, [...] no fato [...] desta comunidade que quer só rezar o terço, tal. Mas é aquela história de respeitar os passos das pessoas. Por exemplo, nessa comunidade mesmo (Bela Vista Alta – Divinolândia, em Guarulhos), se a gente for ver a história dela [...] já tem transformações que não aconteceram necessariamente depois que começou este trabalho de alfabetização ou de debates, quer dizer, talvez demore muito para chegar aonde a gente quer chegar. Por exemplo, no relacionamento do pessoal que tinha com a favela, [...] como pessoa. [...] A gente que viveu um pouco ali dentro dá para sentir que teve uma transformação, sabe? A aceitação como pessoa, tanto das pessoas que, por exemplo, moravam lá, as pessoas que moravam na favela, sabe? A aceitação deles assim como pessoas que também participavam [...] e do pessoal de fora, porque, no começo, por exemplo, não tinha esse relacionamento. Eu acho que o trabalho de educação de base lá, nesse ponto, por exemplo, já foi um passo grande que deu. Eu acho que a gente parou justamente no problema da ação, que a gente não está fazendo.

Agora, tem uma coisa, não sei. Eu acho que é mais uma pergunta que eu queria colocar que vale para todos os pontos. Por exemplo, quando a gente fala na prática, a pessoa começa a se descobrir, a descobrir a sua realidade. Então, mesmo lá, por exemplo, tem [...]. Às vezes, a prática fica no sentido individual. Não que ela está fazendo sozinha, por exemplo, eles estão sentindo necessidade de participar, por exemplo, de trabalhar com outros grupos. Não é que aquele grupo tomou uma decisão: “Nós vamos fazer isso, nós



vamos ter uma organização, o nosso grupo fazer alguma coisa aqui no bairro, ou não sei onde pra trabalhar”. [...] Não foi por acaso. Foi um momento lindo. Por exemplo, tem pessoa lá que trabalha com criança, trabalho que a gente tem de pré, pré-primário. E era gente que parecia que não estava nem aí, sabe? E se não tivesse acontecido nada [do trabalho com os grupos], parece que se ninguém estivesse fazendo aquilo, ou estivesse só dando aulas de catecismo, [...] até que ponto vale isso, de pessoas que se transformam, começam a participar? Acho que nada é em vão. A gente não é realmente aquilo que a gente queria que fosse. A gente queria que o grupo, todos saíssem... Então...

Barreto: – A gente não é dono do processo, não é isso? A gente fica muito armado, que trabalhou com o grupo, depois um cara vai e provoca conflito com o pensamento ideológico oposto ao que a gente tem. Há frustração, né? A gente quer ser dono. A gente estava aplicando tanto capital em cima disso e não dá lucro. Acho que esta visão [é importante], de que não somos dono do processo, mas a gente é parte do processo...

Francisca: – Então, por exemplo, no tempo em que a gente estava lá, eu queria trabalhar no meio da favela, inclusive, eu começava a conversar com a pessoal e tal aí. Fazia uma reunião, tinha um assunto que achava que seria bom discutir. E, de repente, a pessoa começava a falar da vida dela. Mas nossa! Já perdeu o fio da meada.

Barreto: – Perdeu tempo.

Francisca: – [...] Sei de pessoas que moram, inclusive, lá dentro, e que, com toda simplicidade, talvez não tenha tanta ideia como a gente, [...] e que trabalha, sabe, no meio do pessoal, que tem grupos, talvez não discuta estas coisas que a gente queria que discutisse naquele tempo, mas que vive lá no meio. Senhoras simples que têm grupos de mães, que trabalham juntos. [...] Para mim, o principal foi isso. Fazer os outros descobrirem que também podem, sabe? Provocar encontro...

Barreto: – É o povo. Deixa Marx saber disso. (risos)

Mimi: – Eu posso fazer uma perguntinha para vocês? Em que bairro vocês trabalham?

Ivanil: – É na Vila Fátima. (risos)

Francisca: – Ah! A famosa Vila Fátima! (risos)

Francisca: – Vocês ficam assim, mas não perguntou por que é famosa. (risos, rumores)

Fábio: – Lá tem assaltos, mortes. [...]

Mimi: – Acho que, pelos assaltos, mortes, assim, no bairro. Na verdade, não moro, morei. Mas onde eu moro, convivo na Tranquilidade (bairro de Guarulhos). Acho que está ali. São Rafael (favela do bairro Itapegica) (rumores). [...] Quando você falou tudo isso, eu



vi exatamente a forma como eu passei a conhecer vocês, através de São Paulo, através do Centrão aqui, o que, na verdade é assim. Eu moro em Guarulhos desde 61. E, assim, sempre todas as atividades que tive acabavam sendo em São Paulo. Afinal das contas, tem alguma coisa que faço relacionada até com Campinas. E Guarulhos, eu pensava: mas como vou fazer alguma coisa em Guarulhos? Não conheço ninguém. E realmente era uma posição muito cômoda minha, né? E Vila Fátima eu comecei a saber pelas reuniões, na época das greves dos professores que eram feitas na igreja (risos). Por isso, está sendo famosa. Eu tenho um aluno, também, que é de lá da Vila Fátima e falou que tinha um pessoal trabalhando. E é muito bom saber disso.

Padre Raimundo: – Seria bom que se falasse mais sobre as Comunidades de Base lá de Guarulhos. Na Tranquilidade. [...]

Mimi: – Exatamente.

Padre Raimundo: – E, na Tranquilidade, só para dar exemplo, em termos de conscientização, visitei o vigário há pouco tempo para ver se havia alguns operários com quem a gente pudesse conversar. [...] porque é bairro de classe média. Então... (risos)

Mimi: – E lá na paróquia, assim, realmente, eu nunca cheguei perto da paróquia. Inclusive, minha mãe mora na rua da igreja. Em época que tem reuniões é difícil chegar perto, por causa das Caravans, dos Corcéis II que ficam parados perto da igreja...

Paulinho: – Talvez seja uma experiência nova que a gente vai tentar expor dentro da Pastoral Operária também. Trabalho numa fábrica (Forest) lá em Guarulhos. E lá na fábrica não existe nenhuma comissão de fábrica ainda. E, então, nesta época do dissídio, a gente está conseguindo levar alguns funcionários lá, principalmente do setor de produção, do sindicato. Depois que a gente fez uma proposta de fazer uma comissão de fábrica que não existe lá, o pessoal se sentiu intimidado. E achou que era um negócio perigoso, sabe? Já estava um clima de violência com o pessoal do sindicato e o pessoalzinho do escritório, sabe? O pessoal da produção trabalha em turnos, se revezando em turnos. Durante a semana, não há possibilidade de se reunir. E o clube da firma não é ocupado, principalmente, pelos que trabalham na produção, trabalham na fábrica, nas máquinas, nos serviços gerais, operadores. Então, a gente pensou em uma forma de se fazer isso, de ocupar o clube, né, inclusive, oferecer uma proposta para eles, para os funcionários, de fazer aula de violão. E fazer protesto. Agora, está um desafio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações finais é possível levantar vários desafios e questões da educação popular, abordados há quase 45 anos neste encontro com Paulo Freire, alguns dos quais continuam presentes hoje.

1. A questão da **continuidade e acompanhamento dos educandos** das turmas de alfabetização de jovens e adultos, sem falar do grande índice de desistência, conforme foi possível observar na intervenção de Fábio: “[...] a gente está fazendo o método de alfabetização na favela, no bairro, mas, sabe, e depois a que isso leva? Pra onde é que vai este pessoal?” Hoje, os adultos alfabetizados saídos do MOVA, da EJA, na sua grande maioria, não continuam seus estudos. Muitos terminam esquecendo o que aprenderam, voltando a ser analfabetos.
2. Diante do desafio anterior, mesmo sem deixar as turmas de alfabetização, estendemos o trabalho às CEB's, onde já havia um compromisso, uma certa organização, um caminhar com possibilidade de continuidade, de acompanhamento. É a **pós-alfabetização**, como leitura da realidade, proposta por Paulo Freire: “Você pode fazer o que a gente chama de pós-alfabetização, mesmo com analfabetos. Até pode ser aparentemente paradoxal que você faça uma pós-alfabetização com quem não sabe ler e escrever. Para evitar o paradoxo aparente, aí a gente diria: a gente faz educação de modo geral, independentemente das letras. De outra maneira, ainda, eu diria que o fundamental é ler a realidade, transformá-la, reescrevê-la. E a leitura da realidade pode ser feita sem a leitura da palavra. O contrário é que não pode, quer dizer, não é possível, numa perspectiva revolucionária, ler a palavra sem ler a realidade. Ler a palavra, sem ler a realidade, é trabalho do MOBREAL. Esta é a diferença radical entre mim e o MOBREAL”. Esta pós-alfabetização, podemos dizer, já está incorporada no conceito **de educação ao longo da vida**, lema da CONFINTEA de 1997, em Hamburgo.
3. Paulo Freire explicita a sua teoria do conhecimento, falando do **sujeito cognoscente** e de sua tese, que é mais política do que pedagógica: “todo objeto de conhecimento, quando se constitui como objeto de conhecimento, implica necessariamente na existência de sujeitos que conhecem. [...]. O sujeito cognoscente é o sujeito que está conhecendo, que quer conhecer, que pode conhecer. [Em tese] conhecimento não



se transfere de A a B. Eu não posso pegar o conhecimento que tenho deste rádio e meter na cabeça do Barreto. Conhecimento se faz em diálogo e se refaz e se cria através, inclusive, do ato de transformar a realidade. O que vocês estão fazendo com esses grupos é exatamente conhecer e reconhecer com eles. Vocês estão fazendo teoria do conhecimento em prática. E isso é educação.”

4. Paulo Freire faz uma distinção entre **tomada de consciência** e **conscientização**. Conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência do real, que ocorre naturalmente ao estarmos vivos. Diferente da percepção espontânea, ela envolve a compreensão clara e profunda do nosso papel no mundo, tanto individual quanto social. É um processo criterioso. Nas palavras de Freire: “a conscientização implica, então, numa apreensão rigorosa, científica, cada vez mais rigorosa, cada vez mais científica da realidade por transformar-se ou transformando-se. Então, no fundo, ela é ato de conhecimento. Ela emprenha, engravida o ato do conhecimento. Ela é apreensão e não recepção. É transformação, não é transferência.”
5. **Alfabetização não é um fim em si mesmo**, não é “[...] um exercíciuzinho mecânico, através do qual a gente vai dominar a escrita de uma palavra, a leitura de outra etc. Mas é um meio, como afirma José Carlos Barreto em sua fala: “Eu tenho percebido, em vários trabalhos que se têm feito, que se está descobrindo que alfabetização não é um fim, que alfabetização é um instrumento pelo qual se faz educação. Não há necessidade de só se alfabetizar. Mesmo alfabetizado, o processo tem que continuar. Acho que esta descoberta está sendo frequente. Realmente, é preciso acompanhar. Faz parte de um processo mais amplo que é de educação do povo. Educação é um pretexto, um instrumento [...]”
6. Paulo Freire propõe um próximo seminário para tratar de **Fé e Política**: “Discutir Fé e Política, no meu entender, significa discutir mundaneidade e transcendência, História e Meta-História. Que diabo é isso? Como é que esse troço se relaciona? Como é que, dentro da História, eu me projeto na Meta-História? Será que este treco existe mesmo ou não existe? Eu acredito que sim.” Propõe, ainda, uma releitura da Bíblia, dos Evangelhos **com historicidade** e, como cristão, questiona uma Fé desencarnada, sem a dimensão histórica: “Para mim, uma das coisas mais terríveis que nós fazemos, como cristãos, é a de desencarnar, você veja que negócio terrível, desencarnar a Palavra de Cristo. Terrível isso. O difícil a gente faz, quer dizer, no



fundo, a gente tira a carne, fica um pedaço de osso que a gente chama de Palavra de Cristo. Ela perde a dimensão histórica.”

7. Paulo Freire argumenta sobre nosso **desconhecimento da religiosidade e da própria estrutura do pensamento popular**: “Acho que essa seria uma preocupação que eu considero fundamental para uma boa compreensão, inclusive, da religiosidade popular, quer dizer, acho que o problema nosso não é negar a religiosidade popular; nem é, tampouco, um sobrepor à linguagem que expressa essa religiosidade. E, aí, que eu acho que a gente também está muito ignorante, a gente não está ainda conhecendo bem a própria estrutura do pensamento popular. Então, por isso, a gente faz propostas, às vezes, que são puramente conceituais, abstratas, quer dizer, a nossa maneira de nos relacionarmos assim com a classe oprimida na favela, com a periferia etc. Às vezes, não tem nada que ver com a estrutura do pensamento que está lá. A linguagem é outra...”

Para finalizar, argumento que as questões discutidas neste encontro continuam sendo atuais, em um mundo cada vez mais individualista e sem conseguir o estabelecimento de diálogos, tão necessários, entre a cultura popular e aqueles que se propõem a realizar um trabalho educativo crítico e com processos de conscientização. Pode-se afirmar que neste encontro com Paulo Freire apareceram, também, outras questões e desafios não enfatizados neste registro e que poderiam ser acrescentados a outros dessa primeira década do século XXI, principalmente em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA), dentre eles, os efeitos da globalização, da revolução tecnológica, da inclusão e exclusão digital, as mudanças no mundo do trabalho.

REFERÊNCIAS

COSTA, P. C. Hélio Reis e Paulo Freire: teoria e prática em aprendizados mútuos. **Póiesis Pedagógica**, Catalão-GO, v.12, n.1, p. 219-239, jan./jun. 2014.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE. P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17ª edição, 1987.



FREIRE, P. **A ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIROUX, H. A Alfabetização e a teoria do empowerment político. *In*: FREIRE, P; MACEDO, D. **Alfabetização, leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

RABELLO, R. Quando memória material e documentação popular importam: esquadrão da morte na ditadura, testemunho de uma igreja na redemocratização do Brasil e intentonas golpistas. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 29, p. 1-47, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99284>. Acesso em: 19 nov. 2024.

REIS, H. S. Experiência do Ginásio Estadual Araguaia - GEA: alfabetização de adultos. Manuscrito de depoimento. *In*: RODADA DE DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO NO ARAGUAIA: caminho de luta e resistência, 1., **Anais...** Cuiabá: UFMT, 2013.

REIS, H. S. **Educação popular - alfabetização de adultos**. Guarulhos: [s.n.], [2024]. Manuscrito de depoimento.

UNESCO. Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos – V CONFITEA. V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos/Julho de 1997. *In*: UNESCO. **Educação de jovens e adultos**: uma memória contemporânea 1996-2004, Brasília: MEC/UNESCO, p. 41- 49, 2004.

Contribuições dos autores:

Hélio de Sousa Reis: Nasceu em 30 de março de 1947, natural de Paulistana, estado do Piauí. Deixou sua terra natal ainda menino, acompanhado de seus irmãos e da sua mãe, Nomeriana Adelaide dos Reis (in memoriam), mudando-se para São Paulo em 1956 para se reunir com o seu pai, Agripino de Sousa Marques (in memoriam), que já havia migrado em busca de oportunidades. Professor do Ensino Médio da rede estadual e alfabetizador de adultos na proposta freiriana na Vila Fátima, Guarulhos. Antes, já havia lecionado em Mato Grosso, desenvolvendo um Projeto de Alfabetização de Adultos na Prelazia de São Félix do Araguaia (1970-1972). Atuou na APEOESP e no movimento popular: Compras Comunitárias, Pastoral Escolar, Constituinte Popular em Guarulhos (1986), Projeto de Alfabetização da Cáritas Diocesana de Guarulhos, Grupo de Fé e Política... Fez parte da Equipe Pedagógica que coordenou o MOVA - Guarulhos, de 2002 a 2012. Neste texto, Hélio Reis é responsável pela redação do conteúdo original, pela concepção e elaboração do manuscrito, pela transcrição do áudio, pela coleta e análise dos dados, além de realizar a discussão dos resultados. O texto está escrito em primeira pessoa do singular, pois se trata do depoimento que remonta à memória do protagonista sobre o que foi vivenciado.

Rosemeire Reis: No presente texto foi responsável por auxiliar na redação, especificamente na revisão e edição do manuscrito.

Rodrigo Rabello: No presente texto foi responsável por auxiliar na redação, especificamente na revisão e edição do manuscrito, incorporando dados contextuais.

